

Freire soma socialismo + anarquismo

PAULO CAMARGOS

As palestras do somaterapeuta Roberto Freire costumam lotar os auditórios. Normalmente são acompanhadas por um público predominantemente jovem, com muitos rapazes de cabelos compridos e rabos-de-cavalo, e meninas com roupas despojadas. Durante as discussões, os casais se beijam sem cerimônia, levando à prática os ensinamentos do mestre.

Conhecido através de livros como "Sem Tesão Não Há Solução" e "Ame e Dê Vexame", Freire já vendeu cerca de 500 mil exemplares de suas 14 obras. Há duas semanas ele esteve em Belo Horizonte para o lançamento de "Soma — Uma Terapia Anarquista — A Síntese da Soma", escrito a quatro mãos com o discípulo João da Mata.

Na publicação, Freire e Mata fazem um resumo dos fundamentos da Somaterapia, criada há 25 anos e com muito seguidores Brasil a fora. Anarquista histórico, Roberto Freire parte desta concepção de mundo para fundamentar sua técnica. Segundo ele, as pessoas nascidas e criadas numa sociedade autoritária são vítimas de uma "ideologia do sacrifício", e só se libertam quando imbuídas de uma "ideologia do prazer". Para isso, se baseia nos ensinamentos de Wilhelm Reich, lança mão de técnicas bioenergéticas e gestálticas e guarda lugar especial para a capoeira.

Tais idéias não são aceitas pelo universo acadêmico e político estabelecido, e não são poucas as que torcem o nariz para elas. Indiferente a isso, Freire vai arregimentando seguidores. Nesta entrevista a HOJE, ele reitera suas teses e responde aos críticos, falando de um conceito que tanto incomoda o ser humano: a liberdade.

□□□

Do que trata "A Síntese da Soma"?

João da Mata: O livro "A Síntese da Soma" foi realizado em um ano de trabalho, e é a síntese de toda obra científica de Roberto Freire. Ele sintetiza os dois livros anteriores, nos quais o Roberto fala sobre a teoria da Soma ("A Alma É o Corpo") e do segundo, "A Alma É o Corpo", falando da parte metodológica do livro.

Vocês enfatizam muito o papel da capoeira na Somaterapia. Por que a capoeira, e não o tai-chi-chuan ou o judô, por exemplo?

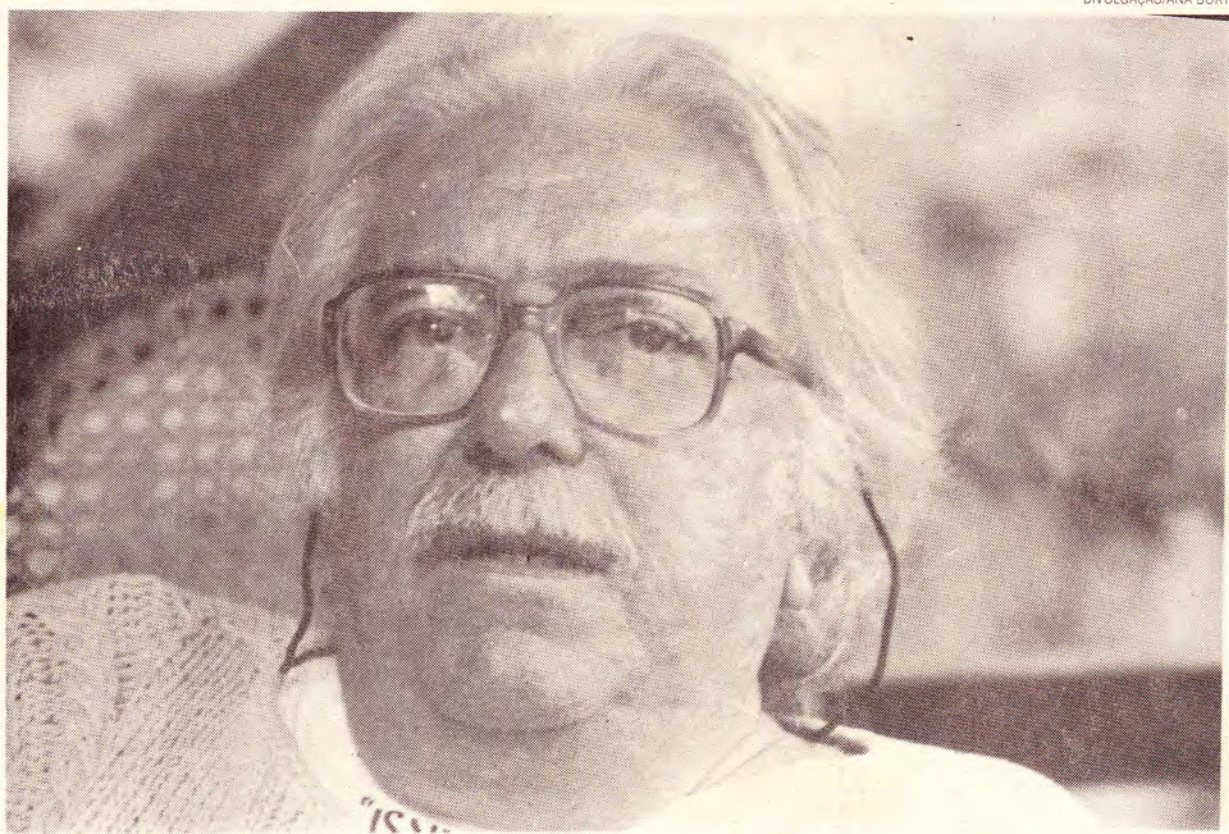
JM: A capoeira entrou nesse livro com capítulo especial, porque é completamente diversa de outros trabalhos corporais, ao proporcionar ao praticante, com rapidez, a disposição para o enfrentamento, a coragem para a luta, tanto no plano social quanto pessoal. Em lutas como tai-chi-chuan, judô e outras modalidades físicas, como a natação e dança afro, se consegue fazer um trabalho de mobilização corporal muito grande. E a gente acredita que a neurose é uma coisa que está estruturada em todo o corpo, não só na mente. Então é preciso que o corpo ganhe movimento de expressão próprio, se livre da neurose que retém sua energia vital. Estes trabalhos corporais proporcionam uma re-harmonização vital, só que nenhum deles tem o efeito da capoeira.

Em que sentido você fala em luta, e sair a briga mesmo?

JM: A gente deve estar disponível até para a luta física. Quando a violência se torna muito explícita sobre nós, o corpo precisa estar preparado para o enfrentamento. Mas tão importante quanto esta, é a relação que existe entre a capacidade de enfrentamento físico e emocional. A teoria de Reich comprovou que existe uma relação muito íntima entre equilíbrio físico e emocional. A disponibilidade física e emocional. Então se a gente adentra o nosso corpo para a luta física, a gente está preparando também a nossa coragem emocional para determinadas situações de enfrentamento dentro da vida.

O que mais compõe a Soma?

JM: Ela é composta basicamente de uma ideologia que segue todo o desenvolvimento da terapia, associado aos elementos da Psicologia contemporânea. O



O "somaterapeuta" Roberto Freire, que lançou em Beagá "Soma — Uma Terapia Anarquista — A Síntese da Soma"

anarquismo ou socialismo libertário é a filosofia que a gente traz como encaminhamento terapêutico. A pessoa se liberta das neuroses quando ela descobre sua originalidade única. Essas técnicas são baseadas na obra científica de Reich, que descobriu, entre outras coisas, que a neurose não nasce com as pessoas, que surge no indivíduo através de seu processo na relação social, de fora para dentro, quando se choça o interesse do indivíduo e o contexto social onde ela vive.

Aí ela não teria elementos da Psicanálise, na medida em que busca um retorno à origem?

JM: A Psicanálise propriamente não. Freud aprofundou a Psicologia como um todo, por exemplo, o conceito de consciência. Mas ele considerava a neurose um processo antropológico, na medida em que o homem deveria passar por aquelas fases todas — oral, fálica, complexo de Édipo — e havendo algum trauma nessas fases o indivíduo entraria num quadro neurótico. O Freud acreditava que a pessoa deve ser regulada por um princípio de realidade, que na verdade é a arregimentação das leis e normas que regem a sociedade capitalista. Então, quando você sente o impulso, você deve ver se aquele impulso deve ter vazão ou não, em função de um princípio de realidade que é a moral vigente.

Sua utopia é o anarquismo. Você não acha que ele já foi superado historicamente como uma proposta para a sociedade?

Roberto Freire: A superação do anarquismo foi feita na primeira Internacional, no século passado, através de manobras políticas, quando Marx derrotou Bakunin. A proposta libertária foi derrotada pela proposta autoritária de Marx, que levou à implantação do socialismo soviético. Com a ditadura do proletariado, ocorreram as coisas mais autoritárias da história. Se percebeu tardiamente que é impossível se associar socialismo a autoritarismo. Portanto, não concordo com isso. Ele não foi experimentado. É uma experiência que passou por algumas práticas na revolução soviética, depois na revolução espanhola de 36, mas foi destruída pelo imperialismo.

No final dos anos 70, o anarquismo voltou à tona na Europa, com novo nome, expresso em teorias de Félix Guattari e Cornelius Castoriadis, que mostravam que dentro da sociedade capitalista existem bolsões de autogestão, citando movimentos de negros, homossexuais, mulheres etc. Esses coletivos que você propõe seriam embriões disso?

RF: O sonho da autogestão sempre esteve presente no ser humano. Em qualquer sociedade os focos aparecem, algumas pessoas evoluem um pouco mais ou têm mais contato com essas idéias e acabam passando pela experiência. Mas ela deixa poucos registros, porque sua prática não é organizada em partidos, não tem uma estrutura. São as pessoas que o praticam, em comunidades, grupos e experiências autogestivas. Mas a história vem mostrando que todas essas experiências no mundo acabam sendo

destruídas. Sempre haverá essa tendência de aparecer o anarquismo aqui e ali. O que discordo deles é que seja possível a existência permanente do anarquismo servindo ao capitalismo. No fundo, eles achavam que o regime capitalista era bom, faltava corrigir os seus defeitos.

Num aspecto você concorda com eles, que é a crítica à concepção do partido político de vanguarda. Como você vê o PT, por exemplo?

RF: Eu acho que o PT chegou um pouco tarde. Ele devia existir no início de 60, que encontraria um apoio muito maior e seria extremamente útil, porque a única opção que existia era o PTB, criado por Getúlio. A constatação que se fazia era liderada pelos conservadores. O PT nasceu da vontade dos trabalhadores, liderado pelo Lula, um autêntico trabalhador e revolucionário nato. Teve um importante papel no processo de redemocratização do país, ao ajudar o trabalhador a entrar na luta e pressionar os governos. Também acabou sendo muito importante para os jovens esquerdistas. E quando se fala em jovens esquerdistas, falamos em utopias. Essa utopia que ficou nos jovens depois da luta imensa que fizeram para tirar a ditadura. Eles tinham que botar isso para fora. Eles não tinham mais relação com os partidos de esquerda tradicionais, criados para combater a ditadura, MR-8, AP, MEP. Esses partidos acabaram e ficou um vazio para os sonhadores. O PT atendeu essa vontade. Mas o que ele fez? Realizou uma integração dentro do processo democrático, levando novos políticos para o Congresso, se tornando um partido burguês como qualquer outro.

Você se posiciona também contra a campanha contra a fome e defende o voto nulo. Essas posições não entram em choque com as lideranças petistas?

RF: Veja bem, nós não estamos fazendo nada de novo. Estamos fazendo tudo que os marxistas

do passado fizeram. Nós assumimos o radicalismo que eles abandonaram. O PC fechou a boca. O PT não quer mais estas utopias radicais, ou sua maioria, porque um grupo ainda está brincando. Mas olha, quem manda o PT abandonou as lutas reais, as causas disso tudo. Então estamos nós, anarquistas, brigando pela solução básica dos problemas e não para melhorar a situação. A gente combate porque eles estão numa posição errada, estão enganando os jovens, dando uma utopia de estar participando do processo. Eles não estão. Estamos passando mercúrio cromo nas feridas da sociedade. E esta ferida é um câncer que deve ser estirpado. A gente não é contra a campanha. Queremos elucidar as pessoas que se envolvem nela. Todos nós, que queremos acabar com a pobreza, não podemos deixar que esses mecanismos apareçam como a solução definitiva para acabar com o problema crônico da sociedade.

Você fala de um ser humano livre da dinâmica do sistema. Mas este homem está inserido no modo de produção capitalista. Ele necessita trabalhar, tem horário para chegar ao emprego. Se ele jogar tudo para cima como ele vai sobreviver?

RF: Eu não proponho isto. Quando alguém me fala que quer fazer isso, eu desaconselho. Você só pode jogar as coisas que estão te incomodando para cima se você já colocou outras no lugar, que podem substituí-las com prazer. Na Soma, a gente faz um trabalho primeiro através de uma investigação para a pessoa conhecer suas potencialidades criadoras e aprender a exercê-las. Porque a primeira atuação da repressão é sobre os potenciais criadores. Que se faça só aquilo que está autorizado. Mas se você consegue convencê-lo a não aceitar mais esta repressão, o resto que ele pode fazer aparece. Isso vai acontecendo durante o processo terapêutico, dá trabalho, a pessoa sofre, mas muita gente já conseguiu e deu uma virada. Esse

é o drama do homem que quer ser livre.

Ele não corre o risco de ser um Dom Quixote, um desajustado, ou é isso mesmo que você deseja?

RF: Eu acho o Dom Quixote maravilhoso, o grande personagem da literatura mundial. Nós temos que aceitar isso, somos quixotes. Tanto que nosso grupo é Brancalone, um filme italiano sobre um personagem muito parecido com Dom Quixote. Dar cabeçadas é o primeiro passo para se abrir as portas. Nós tentamos fazer com que nosso cliente descubra o risco, ame o prazer do risco, porque só ele leva à liberdade. Não existe liberdade sem risco.

É uma concepção parecida com o zen-budismo, em busca da integridade de cada momento.

JM: Sim, o sistema nos colocou a idéia de jogar tudo para o futuro. O sacrifício do presente para se chegar a um futuro. O emprego, a aposentadoria. Para a gente, a utopia é realizável no presente, é uma coisa completamente objetiva e possível.

Mas a vida social impõe limitações no cotidiano e as pessoas são obrigadas a conviver com elas.

RF: Quando a gente propõe uma terapia para levar a pessoa a ser só o que ela é, sem viver em função da vontade dos outros, essa pessoa atinge esse estado e vai causar um rebuliço no seu meio social. Por que o meio social faz tudo para que a gente entre nas normas, cumpra essas normas. Que você seja obediente, se case, tenha filhos etc. Mas se você descobre que isso não te faz bem, você quer se libertar, você

vai ter que brigar com pai, com mãe, com mulher, com amigo, com patrão... Essa briga é necessária. O cara tem de descobrir que não pode ser dominado pelo presidente da República. Só se submetem a um poder mais alto aqueles que já submeteram a poderes mais próximos e mais baixos.

Foi assim com você?

RF: Quando eu me separei de minha mulher, meu problema era com a rotina da vida doméstica. Em dois anos, ela encontrou uma pessoa que adorava a vida doméstica. Estão juntos até hoje e extremamente felizes. Ela tentou me fazer o personagem dela. Foi a partir da minha mexida que todo mundo foi obrigado a se mexer também e começam a acontecer grandes descobertas. Descobri que na verdade ela queria ter casado com o Ulysses e o gerente do banco. O Ulysses a levaria para viagens maravilhosas, mas voltaria logo para casa, com férias, aposentadoria. É impossível. O importante é aprendermos a mudar nossas relações. A tese mais importante da Soma é a ideologia do Prazer, que nós defendemos, para combater a ideologia do sacrifício, que está na Igreja Católica, no Partido Comunista, na Psicanálise. Instituições que a gente achava libertadoras, mas são aprisionadoras, ao sacrificar nossos desejos.

A Soma é procurada por alcoólatras e usuários de drogas?

No passado, quando comecei, 50% dos clientes eram pessoas enviadas pelos pais para se livrarem da droga. Ou pessoas que estavam sofrendo e queriam se livrar. Esse tipo de drogado não aparece mais. Eu acho que diminuiu muito no Brasil. Eu acho até que esse tipo de drogado, na época, era a pessoa mais interessada em dar "bandeira" do que buscar uma suposta forma de prazer. Hoje as pessoas se drogam por dependência neurótica, qualquer coisa que alivie seu mal-estar numa sociedade autoritária e violenta.

O que você diz aos pais desses jovens?

Eu sempre digo que eles estão querendo tirar dos filhos ou alunos uma coisa que eles próprios produziram. Quando uma criança chega ao ponto de se drogar, é que ela deixou de se drogar com a vida, já que a criança tem um tamanho prazer de viver, de brincar, que ela não precisa se drogar nunca. Agora, a vida doméstica e escolar se torna tão massificante e insuportável e cruel, que eles acabam buscando outras coisas que lhes deem prazer. E tratar isso com repressão não se resolve.

□ Luta física

A GENTE DEVE ESTAR DISPONÍVEL ATÉ PARA A LUTA FÍSICA. QUANDO A VIOLÊNCIA SE TORNA MUITO EXPLÍCITA SOBRE NÓS, O CORPO PRECISA ESTAR PREPARADO PARA O ENFRENTAMENTO. MAS TÃO IMPORTANTE QUANTO ESTA, É A RELAÇÃO QUE EXISTE ENTRE A CAPACIDADE DE ENFRENTAMENTO FÍSICO E EMOCIONAL.

□ Moral de Freud

FREUD ACREDITAVA QUE A PESSOA DEVE SER REGULADA POR UM PRINCÍPIO DE REALIDADE, QUE, NA VERDADE, É A ARREGIMENTAÇÃO DAS LEIS E NORMAS QUE REGEM A SOCIEDADE CAPITALISTA. QUANDO VOCÊ SENTE O IMPULSO, VOCÊ DEVE VER SE ELE DEVE TER VAZÃO OU NÃO, EM FUNÇÃO DE UM PRINCÍPIO DE REALIDADE QUE É A MORAL VIGENTE.

□ O anarquismo

A PROPOSTA LIBERTÁRIA FOI DERROTADA PELA PROPOSTA AUTORITÁRIA DE MARX, QUE LEVOU AO SOCIALISMO SOVIÉTICO. O ANARQUISMO NÃO FOI EXPERIMENTADO. É UMA EXPERIÊNCIA QUE PASSOU POR ALGUMAS PRÁTICAS NA REVOLUÇÃO SOVIÉTICA, DEPOIS NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA DE 36, MAS FOI DESTRUÍDA PELO IMPERIALISMO.

□ Partido burguês

O PT NASCEU DA VONTADE DOS TRABALHADORES, LIDERADOS PELO LULA. TEVE UM IMPORTANTE PAPEL NO PROCESSO DE REDEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS. MAS O QUE ELE FEZ? REALIZOU UMA INTEGRAÇÃO DENTRO DO PROCESSO DO PROCESSO DEMOCRÁTICO, LEVANDO NOVOS POLÍTICOS PARA O CONGRESSO, SE TORNANDO UM PARTIDO BURGUES COMO QUALQUER OUTRO.

□ Prazer e desejo

QUANDO EU ME SEPAREI DE MINHA MULHER, MEU PROBLEMA ERA COM A ROTINA DA VIDA DOMÉSTICA. EM DOIS ANOS, ELA ENCONTROU UMA PESSOA QUE ADORAVA A VIDA DOMÉSTICA. NÓS DEFENDEMOS A IDEOLOGIA DO PRAZER, PARA COMBATER A IDEOLOGIA DO SACRIFÍCIO, QUE ESTÁ NA IGREJA CATÓLICA, NO PARTIDO COMUNISTA, NA PSICANÁLISE.

PEFIL

O médico Roberto Freire nasceu em São Paulo, capital, há 66 anos. Especializou-se em Psiquiatria, estudou na Universidade de Paris, mas faz questão de tratar com irreverência o meio acadêmico. No período de ditadura militar manteve intensa militância política e foi preso algumas vezes, que somadas, lhe valeram seis anos de prisão. Na convivência com os presos políticos, forjou os fundamentos da Somaterapia, que desenvolveu nos anos seguintes.

Em 73, depois de romper um casamento de 18 anos, resolveu assumir definitivamente o anarquismo como ideologia e prática de vida. Na ocasião, já havia publicado "Quarto de Empregada", uma peça teatral, teatro ao qual dedicou-se também como diretor, numa montagem de "Morte e Vida Severina". Tornou-se conhecido do grande público com o lançamento de "Vi-

va Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu", em 80, e atingiu o status de best-seller com "Ame e Dê Vexame", que vendeu 150 mil exemplares, e "Sem Tesão Não Há Solução", que se aproxima dos 100 mil.

Atualmente se dedica à preparação de "Os Cúmplices", que define como um romance autobiográfico, e "As Aventuras de João Pão", sobre a história de um menino de rua. No campo teatral, termina as edições de "Quarto de Solteiro" e "Quarto de Hotel", que vão completar, junto com "Quarto de Empregada", a trilogia "3/4".

João da Mata é pernambucano, tem 24 anos, e conheceu Freire numa maratona de Somaterapia. Fascinado pelas teses de Freire, resolveu abandonar o curso de Medicina para integrar o Coletivo Anarquista Brancalone, com sede em São Paulo. (PC)